

A CONSTRUÇÃO DE UM PADRÃO DE ESCRITA: UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE HIPÓTESES DE ESCRITA POR INDIVÍDUOS QUE NÃO FREQUENTARAM OU FREQUENTARAM POUCO OS BANCOS ESCOLARES.

Aroldo Magno de Oliveira

Resumo

Este trabalho analisa as hipóteses de escrita e expressões nos textos produzidos por indivíduos não letrados na escola e/ou pouco letrados; mas que são hipóteses construídas pelos indivíduos nos processos interativos amplos e específicos. Portanto, chega-se à conclusão de que o ensino/aprendizagem da Língua e formas ortográficas empregadas são resultado de reflexões e relações lógicas que os indivíduos realizam no ato de dizer por escrito o que tem a dizer. O presente trabalho, portanto, percorrerá um caminho sinuoso, mas de bastante valia, creio, para que professores de todos os níveis de ensino possam melhor ler e avaliar as produções escritas dos seus alunos.

Palavras-chave: linguística; ensino de língua; produção e leitura de textos.

Summary : This work analyzes the writing hypotheses and expressions in the texts produced by students non learned in the school and little learned; but that are hypotheses built by the individuals in the wide and specific interactive processes. Therefore, it is reached the conclusion that the learning of the Language and employed orthographic forms are resulted of reflections and logical relationships that the individuals accomplish in the act of saying in writing they have him/it to say. The present work, therefore, it will travel a sinuous road, but of plenty it was worth, I have faith, so that teachers of all the teaching levels can evaluate your students' written productions.

Key-Words: linguistics, language teaching, text reading and production.

Introdução

Os estudos sobre a constituição de um padrão de escrita da Língua Portuguesa, apesar de bastante significativos, ainda precisam de pesquisas que possibilitem expor aos estudantes e professores em geral resultados cada vez mais elucidativos que possam contribuir não só para os estudos sistemáticos desenvolvidos no ensino superior, mas também para o ensino de Língua Portuguesa na educação básica.

O presente estudo pretende sustentar o objetivo mencionado acima, cuja hipótese central é a de que os indivíduos de uma comunidade podem criar hipótese e preservá-las no decorrer dos processos interativos, formas muitas vezes rotuladas consideradas arcaicas e, ainda, formas que estão em desacordo com a variedade padrão ou de prestígio social, mas que são legítimas sob a perspectiva sociointeracionista.

Para tal empreendimento utilizaremos em nossa análise pequenos textos de indivíduos que não freqüentaram ou freqüentaram pouco os bancos escolares. O corpus foi recolhido por alunos da Universidade Federal do Tocantins no ano de 2002, quando então desenvolvíamos o Projeto de Pesquisa “A constituição de um padrão de escrita por indivíduos que não freqüentaram ou freqüentaram pouco os bancos escolares” sob minha coordenação e a indispensável colaboração do Professor José Carlos de Freitas (mestrando em Literatura Brasileira na Universidade Federal Fluminense).

A coleta de dados foi orientada no sentido de sensibilizar os sujeitos – que na maioria das vezes ficam envergonhados de escrever um texto para uma pesquisa: fruto de valores veiculados também pela escola de que é preciso escrever “certo”, pois o errado incorrerá numa avaliação pejorativa que o sujeito internalizou no seu cotidiano que insiste em considerar as regras do bem falar e bem escrever atributos de um ou outro cidadão que “estudou mais”, “passou por uma universidade”, etc. Ao longo deste trabalho espero, mais como professor do que lingüística, acender um farol na contramão da formação com a qual nos deparamos, na maioria das vezes, em todos os níveis de ensino.

A fundamentação teórica abarcará concepções da formação do léxico de uma língua que parte da origem psíquica à sociointeracionista, cujo objetivo é expor de forma sucinta a historicidade do nosso objeto de estudo, sem o que não poderíamos sustentar uma determinada hipótese de que a constituição do léxico se dá nos inúmeros e ininterruptos processos interativos.

Síntese dos pressupostos teóricos

A história da origem das línguas enfoca diversos aspectos, cada qual com argumentações e ilustrações consistentes.

O enfoque que trata a origem das línguas no psíquico humano esbarra na constituição histórica do sistema lingüístico. Se é o indivíduo que cria as palavras e expressões, o que dizer da forma de propagação dessas palavras e expressões por uma grande parcela da população? Portanto não faz sentido a idéia de que o psíquico é responsável pela origem das línguas.

O enfoque estruturalista de que o sistema lingüístico é amplo, e de tão amplo proporciona a criação das normas gramaticais que regulam o falar e o escrever cotidiano, implica que o fazer lingüístico não é de responsabilidade do indivíduo, mas de uma gama de palavras e expressões que foram criadas e preservadas na história. Apesar da contribuição do estruturalismo para uma melhor compreensão do fenômeno lingüístico, esqueceu-se do papel do conjunto de indivíduos que interagem no cotidiano.

A perspectiva sociointeracionista vai abordar os signos lingüísticos de uma outra forma, isto é, o indivíduo, desde a infância internaliza signos que foram constituídos socialmente, uma vez que os reproduzem e manipulam no decorrer do processo interativo com outras pessoas de diversos grupos. Bakhtin sustenta a afirmação de que os signos lingüísticos são sociais por excelência, e por este fato as formas lingüísticas no psíquico de um indivíduo são constituídas nas interações verbais nas quais o sujeito vai se inserindo como ser histórico.

Decerto que uma comunidade considerada em seu todo contribuem para a formação do léxico de uma língua, entretanto certas palavras ou expressões são relegadas à marginalização em virtude da necessidade de manutenção de regras gramaticais sistematizadas pelos estudiosos atrelados e/ou pertencentes aos grupos detentores do poder. Um exemplo clássico está na tolerância da silepse: *Todos fomos ao passeio* é uma forma aceita na variedade de prestígio, enquanto *a gente vamos* não é aceita.

Portanto, é possível afirmar que a origem das línguas se dá na interação entre os indivíduos de uma ou outra comunidade, em um processo ininterrupto em que as formas lingüísticas vão se modificando conforme as necessidades e o contexto social em que vivem os referidos indivíduos. De fato, em todo esse processo, há de se levar em consideração todo um sistema educacional que, durante a história, foi se adaptando aos interesses de grupos que foram conquistando o poder.

Acrescente-se ao que dissemos as instâncias de produção de discursos: a instância privada, caracterizada pela limitação de sujeitos no processo interativo, trocando em miúdos, a instância privada de linguagem é aquela em que um grupo fechado utiliza uma modalidade específica de falar, distinta daquela utilizada em instância pública, ou seja, fora do grupo fechado. Enfim, a instância pública seria aquela em a linguagem é utilizada pelo sujeito em contexto social mais amplo, com todos os filtros necessários para evitar a invasão do “algo estranho” na constituição histórica do grupo.

Um outro fator importante é a história contada e recontada, e recontada novamente e assim por diante. Este fator chama-nos a atenção do que chamo de microestrutura social e macroestrutura social, a primeira atrelada à um contar pontual que Leonardo Boff chama por metáfora de “galinha”, ou seja, o grupo fechado, já mencionado, tende a ler apenas as linhas e um pouco as entrelinhas do que está relatando, enquanto o pesquisador, supostamente atrelado à segunda – metáfora da “águia” -, procurará ler além das linhas que, por sua vez, requer extremos cuidados. Esclarecendo, ler as linhas é ler o contado e recontado; ler as entrelinhas é ler o silêncio

que faz pequenos ruídos no texto, o que se quer dizer com toda aquela forma de dizer; ler além das linhas é estabelecer uma relação do contado/recontado/ o que se quer dizer, com o contexto social e histórico que universaliza a problemática humana, de modo que todo e qualquer leitor possa compreender, inclusive o papel, anseio e relevância do que há de democrático na história oral.

Análise de um texto: a interação na formação do léxico

A presente análise consiste em proporcionar uma reflexão mais aprofundada – por parte daqueles que trabalham com a linguagem - sobre o processo de constituição do padrão de escrita, assentada na hipótese de que todos os membros de uma sociedade interferem ininterruptamente na construção das regras gramaticais.

De fato, o domínio de uma tecnologia como a escrita é de fundamental importância em uma sociedade grafocêntrica como a atual. O sistema educacional brasileiro, no decorrer da história, vem empreendendo esforços para diminuir o índice de analfabetismo e ampliar os programas de leitura e escrita nas escolas. Entretanto, o que percebemos é que os objetivos não estão sendo alcançados, como é possível constatar no alto índice de reações (inclusive de vestibulandos) que permanecem abaixo das expectativas das Instituições de Ensino Superior.

Se por um lado podemos afirmar que o problema da distribuição de renda no nosso país é um fator determinante para inibir o acesso aos bens culturais por parte da maioria da nossa população, e por isso a dedicação aos estudos fica inviabilizada, também é possível dizer que as pessoas lêem e escrevem no seu cotidiano utilizando recursos que aprenderam dentro ou fora da escola. Recursos que se constituem, inevitavelmente, para a sobrevivência e suprimento das necessidades mais básicas.

É possível afirmar, ainda, que a sociedade organizada em torno do mercado de consumo e propaganda, exige da população um domínio mínimo da grafia para que possam consumir os produtos propagandeados através de imagens e palavras, o que nos leva a crer na existência inequívoca de uma ideologia que demarca limites de aprendizagem da escrita nos próprios espaços de educação formal – as escolas – para que os indivíduos sejam capazes de apenas ler e escrever para atender as necessidades do mercado editorial marcado por um discurso próximo da oralidade e, ainda, de um mercado que lança mão da escrita utilizando-se de forma massificada as mesmas palavras.

O cidadão “pouco letrado”, na constante necessidade de interação, formula hipóteses de escrita quase nunca consideradas como importantes no processo ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no nosso país, o que nos leva a crer que as concepções de escrita, gramática, língua e linguagem precisam ser revistas de modo que se torne viável uma outra postura do professor e daqueles que trabalham com pesquisas sobre a linguagem. Se a escrita é uma das formas que o ser humano possui para interagir, o seu domínio – em qualquer nível – contém um algo a dizer para o outro e para si mesmo. Esse algo a dizer – discurso – possui uma forma com regras gramaticais distintas e perfeitamente corretas, desde que o discurso seja compreendido pela comunidade.

Ao analisar o processo de construção de textos escritos por indivíduos “pouco letrados” que empregam regras gramaticais não convencionais, mas que conseguem dizer o que pretendem, conseguem ser compreendidos. E, ao analisar essas regras gramaticais, é possível defender a idéia de que o padrão de escrita não é construído apenas nos compêndios gramaticais, nem nos textos de escritores “letrados”, mas sim nos diversos segmentos sociais que formam o conjunto da sociedade brasileira.

A língua, entendida como um sistema de regras gramáticas pautadas na variedade padrão, exclui qualquer outra variedade como legítima para a intercomunicação entre os sujeitos. O que dizer de uma frase como “carma omi, u mininu qui há de nacê vai sê mininu omi”, própria da oralidade de um grupo social cujas adaptações normalmente são feitas quando registra-se a

história contada. A questão que me incomoda é a visão predominante de que construções desse tipo não são consideradas válidas para um registro escrito. O exemplo mencionado obedece rigorosamente à regras gramaticais tão legítimas quanto às eleitas como padrão, as aparentes redundâncias não são redundâncias como se costuma dizer em mirabolantes análises, a palavra *menino* significa criança, enquanto a palavra *homem* significa o sexo da criança, no caso, masculino.

O parágrafo anterior aponta para uma ideologia, ou um sistema de referência constituído historicamente, que poucos tiveram a oportunidade de conhecer e, mais do que conhecer, começar o trabalho de mudança na categoria de pensamento para, inclusive, ouvir as histórias contadas, em suas duas acepções, e ainda não contadas do nosso povo. A proposta aqui em esboço resume-se em atrelar a ideologia ao lingüístico, ou seja, na formação do historiador dedicado à pesquisa em história oral também há a necessidade de conhecer as bases políticas da concepção e da metodologia no ensino de língua.

Do conteúdo referencial

Os textos coletados, em sua grande maioria, revelam um domínio perfeito do conteúdo referencial, ou seja, o locutor sabe muito bem o que está dizendo. As suas intenções, como aponta Geraldini (2000), em seu já clássico trabalho “Portos de passagem”, o locutor age com a linguagem para apresentar o que deseja dizer e o que deseja mobilizar no outro. Mas para que isso ocorra o locutor necessita mobilizar uma série de recursos lingüísticos para conseguir o seu intento.

Texto exemplificador

Oi tudo bem com você luana olha eu estou morrendo de saudade de vocês mais não posso fazer nada Quando eu estiver trabalhando eu vou ao passia tão vez em julho na férias porque os meninos estão bem graças a Deus o Dennys e louco pra ir ai olha Quando eu for eu mando avizar porque a qui e tudo difícil o dinheiro não vai dar me ir no seu aniversário lorrany não vai dar.

Tiau, mamãe ama vocês duas

Um beijo.

M.P.S.S.

O texto acima foi coletado de uma mãe de duas filhas que cursou até a 4ª série, 31 anos de idade, o que nos faz concluir que não estuda formalmente há mais ou menos 20 anos. A categoria textual é um bilhete enviado às duas filhas que, como é possível perceber, não moram com a mãe. A mãe demonstra uma preocupação com ambas, pois passa por dificuldades financeiras que a impedem de realizar o que deseja, o que nos leva a afirmar que a distância foi suprimida pela palavra escrita, a interação se deu entre seres humanos que, por força das circunstâncias, não especificadas no bilhete, fizeram com que se separassem.

Conforme foi possível perceber, o conteúdo referencial acima sintetizado, apesar da utilização da variedade não padrão da Língua Portuguesa, a gramática e suas hipóteses para a construção do texto permitiram a compreensão do referido conteúdo referencial. Em sintonia com Possenti (1997) em seu trabalho *Por que (não) ensinar gramática na escola*, a mãe, escritora do texto, “acertou” mais do que “errou”, uma vez que o seu conhecimento de gramática foi suficiente para demonstrar, interagir de acordo com as suas reais intenções.

Do gramatical

Da carta exemplo, selecionamos alguns recursos gramaticais para analisar, mesmo que sinteticamente, mas que acreditamos exemplificar o que afirmamos acima:

- 1 – O texto apresenta uma pontuação precária: um ponto final no final do texto; uma vírgula depois da palavra Tiau (despedida) e outro ponto final ao enviar um beijo.
- 2 – Apresenta os nomes das filhas com iniciais minúsculas, parecendo indicar que ambas são ainda pequenas.
- 3 – Emprego da adversativa mas conforme a pronúncia da região – mais.
- 4 – Emprego da forma passia parecendo indicar o nome de um determinado lugar onde as duas filhas estão.

- 5 – Emprego de talvez por tão vez – provável pronúncia da comunidade à qual pertence a escritora do texto.
- 6 – Emprego de avisar por avizar problema bastante comum na língua portuguesa, uma vez que temos várias letras que representam o mesmo fonema.
- 7 – Emprego de aqui por aqui problema que pode ser atribuído ao conhecimento geral das palavras e dos vocábulos fonológicos a é tão tônico quanto qui. Tempos atrás tínhamos a cá.
- 8 – Emprego de tchau por tiau - provável pronúncia da comunidade à qual pertence a escritora do texto.

A lista arrolada acima nos dá a dimensão do que afirmamos anteriormente. Sendo a comunidade constituída de falantes com baixo nível de escolaridade, mas sabendo dominar formas gramaticais que lhes permitam o intercâmbio por escrito, a formação do léxico da língua não é privilégio de uns poucos, mas de todos os falantes. As formas listadas são semelhantes às formas que podem ser encontradas na história da língua portuguesa, o que nos permite dizer que não faz sentido encarar como erros, mas diferenças possíveis se levarmos em conta o nível de escolaridade e a história da Língua Portuguesa.

As hipóteses construídas pelo falante que escolhemos para exemplo são mobilizadas de acordo com o que aprendeu dentro ou fora do âmbito escolar, mas que permitem-no dizer mobilizado pelo desejo e pela saudade dos seus filhos – é o imperativo da vida e do sentimento nobre entre as pessoas, pouco valorizado, inclusive no espaço do ensino superior que, com atrevimento e angústia, vejo como falido na sua humanidade e no processo formador de humanizar os futuros profissionais de língua e literatura.

Acrescente-se ainda o fato de a disciplina Filologia Românica ser banalizada nas grades curriculares nos cursos de Letras, não sendo reconhecida como disciplina fundamental para pesquisas mais relevantes que muito contribuiria para o ensino da nossa língua e, notadamente, indispensável para o entendimento dos discursos banalizados sobre a presença do Latim no curso de Letras.

Considerações Finais

Dessa forma, pretende-se contribuir para uma formação mais qualitativa dos professores de língua e literatura. Profissionais instrumentalizados teoricamente para o desenvolvimento de suas atividades com a linguagem, entendendo-a como um espaço efetivo de interação e criatividade na tipologia textual. Os agentes de transformação das regras gramaticais, contrariamente ao que alguns pensam, não são os gramáticos em potencial, mas sim os falantes em geral nos processos interativos.

Um trabalho com textos na escola que levasse em consideração o aspecto ao qual me referi, certamente seria mais significativo, pois proporcionaria um momento de confronto – no sentido de comparação – com as diversas variedades até chegar o momento em que todos saberiam, de forma concreta, a constituição histórica dos padrões gramaticais e a força exercida pelos falantes na mudança desses padrões. Enfim, disciplinas como Lingüística Teórica e Aplicada, Filologia e Gramática formam o arsenal integrado que todo o professor de Língua Materna aprimorar os seus conhecimentos para levar adiante o seu compromisso, inclusive político, com a educação brasileira.

Portanto, do pequeno esboço que tentamos realizar aqui, mais do que a chamada atualização dos professores, o objetivo consiste em chamar a atenção para os diversos dispositivos acionados no decorrer da história da educação e formação lingüística do nosso povo, que consistem na manutenção de um ensino basicamente metalingüístico, quando o lingüístico é que nos dá o status de interagir na sociedade em todos os níveis, e a filologia, desprezada por muitos docentes de Língua Portuguesa e Lingüística, é uma das disciplinas mais significativas para a formação lingüística que tanto desejamos para os alunos de todos os níveis de ensino no nosso país.

Referências Bibliográficas

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. *Cenas de aquisição de escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas: Mercado de Letras, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. SP: Hucitec, 1999.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral (vol.1 e 2)*. Campinas: Pontes, 2000.
- BOWMAN, Alan; WOLF, Greg (orgs.) *Cultura escrita e poder no mundo antigo*. São Paulo: Ática, 1996.
- BRITTO, Luiz Percival Leme de. *A sombra do caos*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- BURKE, Peter; PORTER, Roy (orgs.) *História social da linguagem*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.
- CÂMARA, Joaquim Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. RJ: Padrão, 1971.
- CHOMSKY, Noam. *Teorias Sintáticas*. Petrópolis : Vozes, s/d.
- _____. *Linguagem e Pensamento*. Petrópolis : Vozes, s/d..
- COSERIU, Eugénio. *Lições de lingüística geral*. RJ: Ao Livro Técnico, 1989.
- COSERIU, Eugénio. *Competência lingüística*. Madrid: Gredos, s/d.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.
- DESBORDES, Françoise. *Concepções de escrita na Roma antiga*. São Paulo: Ática, 1994.
- ELIA, Sílvio. *Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003
- FRANCHI, Carlos. *Linguagem: atividade constitutiva*. Cadernos de Estudos Lingüísticos. IEL. UNICAMP.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. SP: Martins Fontes, 1993.
- _____. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. SP: Martins Fontes, 1999 .
- ILARI, Rodolfo. *A lingüística e o ensino da língua portuguesa*. SP: Martins Fontes, 1998.
- ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. São Paulo: Ática, 2000.
- KATO, Mary. *No mundo da escrita*. SP: Ática, 2000.
- _____. *O aprendizado da leitura*. SP: Martins fontes, 1995.
- KLEIMAN, Ângela Bustos. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1996.
- _____. *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1997.
- MARINHO, Marildes e SILVA, Ceres Salete Ribas da (orgs.). *Leituras do professor*, 1999.
- MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Ana Cristina. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. SP: Cortez, 2002.
- PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do Português*. SP: Ática, 1998.
- _____. *Sofrendo a gramática*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. SP: Martins Fontes, 1994.
- _____. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1997.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. SP; Cultrix, 2002.
- SOARES, Magda Becker. *Linguagem e escola.: uma perspectiva social*. SP: Ática, 2000.

SMITH, Frank. Compreendendo a leitura: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

VYGOSTSKY, Lev Semenovitch. Pensamento e linguagem. SP: Martins Fontes, 1997.